



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

O INSÓLITO PROVOCADO PELO ENCONTRO DOS JAGUNÇOS COM OS CATRUMANOS EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Adelaide Caramuru Cezar

Universidade Estadual de Londrina

accezar@uel.br

Volnei Edson dos Santos

Universidade Estadual de Londrina

volnei@uel.br

Em bela página, que suponho única no romance brasileiro, Guimarães Rosa constrói uma visão apocalíptica com as virtualidades da miséria (Walnice Nogueira Galvão. *As formas do falso*. p. 67).

Ao saírem da fazenda-grande dos Tucanos, o grupo de jagunços chefiado por Zé Bebelo se dirige ao Currais-do-Padre, “lugar que não tinha curral nenhum, nem padre: só buritizal, com um morador” (ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 395)¹. O grupo, que tinha fugido a pé do cerco do governo, aí encontra cavalos que, segundo afirma o narrador-protagonista, “tinham sido de Medeiro Vaz” (p. 395). Dentre eles, Riobaldo escolhe um, cor de amora, velho e ruim, a que deu o nome de Padrim Selorico, lembrando-se do pai que se fazia passar por padrinho. Precisando de arreios, dirigiram-se ao Curral Caetano, “onde se tinha quantidade grande de arreios guardados” (p. 396). Faltavam as munições. Eles as encontrariam na Virgem Mãe. Foi então que se embrenharam por “caminhos barrancosos, de sopega, feito torrão de açúcar preto se derretendo, empapados” (p. 396) com cavalos desprovidos de ferraduras. O resultado foi o seguinte: perderam-se. Tinham trocado o arraial denominado Virgem-Mãe por Virgem-da Laje. Como a marcar passagem para outra realidade, o protagonista narrador, dirigindo-se a seu interlocutor

¹ Todas as citações serão retiradas desta edição. Indicaremos, portanto, apenas a sua página.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

urbano afirma: “O senhor já que me ouviu até aqui, vá ouvindo. Porque está chegando hora d’eu ter que lhe contar as coisas muito estranhas” (p. 397).

Que coisas estranhas são estas? Em primeiro lugar, o adentramento no sertão propriamente dito. Como o próprio Riobaldo afirma: “Sertão, – se diz –, o senhor querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem. Mas, aonde lá, era o sertão churro, o próprio, mesmo” (p. 397). Por todo um parágrafo há a descrição do espaço no qual se adentram. Trata-se de uma retomada pontual de apresentação já feita no primeiro parágrafo do romance, onde o narrador-protagonista faz seu interlocutor tomar conhecimento do espaço onde se passará a estória que lhe será contada: “Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador” (p. 24). Sendo esta a primeira descrição do espaço em *Grande Sertão: Veredas*, cumpre afirmar que é apresentado de maneira ainda suave, caracterizando-o, neste momento, apenas pela ausência de moradores. O sertão que se anuncia na passagem a ser agora analisada, é mais inóspito, equiparando-se com o Liso do Sussuarão, onde os jagunços, no momento da saída, comem José dos Alves, acreditando tratar-se de “macaco vultoso” (p. 70). Pois bem, o espaço inóspito que agora se anuncia também se caracteriza pelo rareamento de pessoas e animais, conforme se nota na seguinte passagem:

Topar um vivente é que era mesmo grande raridade. Um homenzinho distante, roçando, lenhando, ou uma mulherzinha fiando a estriga na roca ou tecendo em seu tear de pau, na porta de uma choça, de buriti toda. Outro homem quis me vender uma arara mansa, que a qual falava toda palavra que tem á. Outra velha, que estava fumando o pito de barro. Mas ela enrolou a cara no chulé, não se ajuizaram os olhos dela. E o gado mesmo vasqueava: só por pouco acaso um boi ou vaca, de solidão, bicho passeado sem dono (p. 397).

Depois de três dias de caminhada por onde “faltava rastro de fala humana” (p. 397), surge verdadeiramente o insólito, constantemente experienciado pelo leitor de *Grande Sertão: Veredas*. Trata-se – conforme foi apresentado por Prof. Dr. Flavio García e por Profa. Dra. Jurema de Oliveira no resumo de nosso Grupo de Trabalho, “Vertentes do insólito ficcional em literatura brasileira”, citando Lenira Covizzi em *O insólito em Guimarães Rosa e Borges* – do “sentimento do *inverossímil*, *incômodo*,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

infame, incongruente, impossível, infinito, incorrigível, incrível, inaudito, inusitado, informal” (1978, p. 26) que a obra literária “carrega consigo e desperta no leitor” (1978, p. 26).

Pois bem, o insólito na passagem estudada se instaura de forma plena no momento em que Riobaldo, Acauã e Nelson, jagunços que vinham à frente, abrindo caminhos para os demais, se veem frente a frente com dez ou quinze homens nivelados pela miséria, desvinculados da civilização, usando armas de fogo de outros tempos, falando “com uma voz de qualidade diversa, costumada daquela terra de lugar” (p. 399). Trata-se, conforme afirma Willi Bolle, do “*tópos* euclidiano dos ‘patrícios retardatários’ do sertão, dos quais ‘nos separa uma coordenada histórica – o tempo’” (2004, p. 425-426).

Diante deles, os três jagunços se sentem completamente desorientados. De saída, Riobaldo se dá conta de que são homens esquecidos pela civilização, “amarelos de tanto comer só polpa de buriti” (p. 400). Nelson teme contato com estes “outros” tão distintos em suas misérias. Chamam-lhe atenção seus muitos piolhos. Acauã, por sua vez, expõe aos colegas quem são estes homens:

Que viviam tapados de Deus, assim nos ocos. Nem não saíam dos solapos, [...], dando cria feito bichos, em socapos. Mas por aí deviam de ter suas casas e suas mulheres, seus meninos pequenos. Cafuas levantadas nas burguêias, em dobras de serras ou no chão das baixadas, beira do brejo; às vezes formando mesmo arruados. Aí plantavam suas rocinhas, às vezes não tinham gordura nem sal [...] Eles mesmos faziam preparo da pólvora de que tinham uso, ralando salitre das lapas, manipulando em panelas (p. 400-401).

Dentre os dez ou quinze moradores daquele “recanto lontão de mundo” (p. 400) com os quais Riobaldo, Nelson, Acauã, antes dos demais jagunços, se deparam, cinco se singularizam pelo enfoque do narrador.

Primeiramente se destaca “um roceiro brabo, arrastando as calças e as esporas” (p. 399) que, “para oferecer à gente maior vulto de respeito” (p. 399), foi montar o único jumento do grupo, “tocando batendo palma de mão na anca do jegue, veio vindo, para primeiro se presenciar” (p. 399). Trata-se de Teofrácio que, segundo Riobaldo, “era quem capitaneava” (p. 401).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

O segundo a destacar-se dos demais é ressaltado por sua vestimenta: “Mesmo em dia de horas tão calorosas, ele estava trajado com uma baeta vermelha, comprida, acho que por falta de outra vestimenta prestável” (p. 399-400). Riobaldo atribui-lhe, por seu aspecto, uma função no grupo: “Ver a ver o sacerdote!” (p. 400).

A terceira figura individualizada, um pouco mais que as anteriores, é Constantino dos Anjos. Traz consigo “uma fôice encabada muito comprido, e um porongo pendurado a tiracol por uma embira” (p. 400). Caracteriza-se pela competência para falar. No primeiro momento em que os três citados jagunços o veem, destaca-se porque “cochichava com os restantes uma séria falação: a qual uma espécie de pajelança. Artes vezes ele guinchava, feito o demônio gemedeiro” (p. 400). Mais adiante, quando o chefe, Teofrásio, dá-lhe ordens para dirigir a palavra a Zé Bebelo, há descrição mais minuciosa de sua forma de expressão: “Ossos e queixos; e aquela voz que o homem guardava nos baixos peitos, era tão que nem de se responder em ladainha dos santos, encomendação de mortos, responsório” (p. 401). Trata-se, verdadeiramente, de figura apocalíptica, contribuindo para a apreciação de Walnice Nogueira Galvão concernente a esta passagem: “Em bela página, que suponho única no romance brasileiro, Guimarães Rosa constrói uma visão apocalíptica com as virtualidades da miséria” (1972, p. 67).

Destacam-se do conjunto dos moradores dos “fundos fundos” (p. 397) do sertão ainda mais dois personagens, desprovidos na narrativa de nomes próprios, assim como o segundo anteriormente destacado. O primeiro faz-se notar por sua feiúra e força: “Um, zambo, troncado, segurava somente um calaboca, mas devia de ser de braço terrível, no manobrar aquele cacete. O quanto feioso, de dar pena, constado chato o formo do nariz, estragada a boca demais, em três” (p. 400). O segundo destaca-se por sua altivez, uma vez que vem oferecer a Zé Bebelo dinheiro como remissão de ofensa praticada: “era velhusco e estava com o chapéu-de-palha corroído nas todas beiras, apareceu com um dinheiro na palma da mão, oferecendo a Zé Bebelo, como em paga por perdão. A que era um dobrão de prata, antigo do Imperador” (p. 402). Estes homens, como outros em *Grande Sertão*: Veredas, são vistos por Kathrin Holzermayr Rosenfield como “clara alusão àqueles seres ainda-não-humanos que os mitos gregos chamam de “nascidos da terra” (*gêgeneis*) ou “espartos” (*spartoi*), isto é, “semeados na terra”. (2006, p. 230).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Depois do primeiro contato com estes homens primitivos e selvagens, é chegado o momento do confronto de todo o grupo de Zé Bebelo com os mesmos. Riobaldo acompanha e descreve este momento de estranhamento para os catrumanos:

E enfim os companheiros apontaram em vinda, e subiram a primeira ladeira, aquele tropeado de guerreiros, em tão grande número numeroso. Quase eu queria me rir, do susto então dos catrumanos. Mas foi não, porque eles não se anuíram do ponto onde estavam, só que olhavam para o chão, calados, acho que porque essa é a forma de declararem seus espantos (p. 401).

Constantino Dos-Anjos, por ordem de Teofrácio, dirige ao chefe dos jagunços suas palavras, deixando claro, por sua forma de expressão, pertencer a um mundo arcaico não condizente com o dos jagunços. Eis as palavras do rústico sertanejo esquecido pelo Estado: “– ‘Ossenhór utúrge, mestre, a gente vinhemos, no graminhá... Ossenhór utúrge...’” (p.401). Neste português de outro tempo, o catrumano continua sua fala, explicando a Zé Bebelo que querem impedir que tragam ao arraial deles, o Pubo, doença que se alastra em arraial vizinho, o Sucruíú. Uma vez oferecidas as devidas explicações, muitos são os risos destes homens esquecidos nos “fundos fundos” (p. 397), “riam, sem motivo justo, agora mas para nos agradar” (p. 403) até que Dos Anjos, o da foice, cria coragem e pergunta a Zé Bebelo: “– ‘O que mal não pergunto: mas donde será que ossenhór está servido de estando vindo, chefe cidadão, com tantos agregados e pertences?’” (p. 403). Qual não é a surpresa do leitor ao ler: “– ‘Ei, do Brasil, amigo!’ – Zé Bebelo cantou resposta, alta graça. – ‘Vim departir alçada e foro: outra lei – em cada esconso, nas toesas deste sertão...’” (p. 403).

Neste momento, os dois grupos se separam. Zé Bebelo desobedece ao pedido dos catrumanos para que não se adentrem no arraial do Sucruíú, no qual se “alastrava a varíola reinante” (p. 404). Havia deboche dos catrumanos e de seus trejeitos entre os jagunços. Apenas Riobaldo, que neste instante parece estar recolhido em seus pensamentos, não ri. E isto é dito como referente não apenas em relação a este momento em particular, deixando, desta forma, patente a influência que terá o acontecimento na existência ulterior de Riobaldo que segue seu rumo e ritmo no sertão: “Ah, daí, não ri honesto nunca mais, em minha vida” (p. 404).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

O que pode ter havido de tão grave e sério neste encontro para impor tal sortilégio? Para impressionar tanto Riobaldo? O simples fato de falar com estes estranhos e desobedecê-los deveria causar tal mal-estar? Talvez aqui já comece a se dispor dele aquela influência que o dominará logo mais a partir do pacto: “A hora tinha de ser o começo de muita aflição, eu pressentia” (p. 404).

O grupo segue seu rumo em direção ao arraial do Sucruíú e a estória é como que suspense, cedendo seu espaço às digressões de Riobaldo, que se farão presentes entre as páginas 404 e 406. Nós, leitores, somos convidados a dialogar com os tão nefastos pensamentos registrados nestas poucas páginas.

De início e para nos ambientarmos neste diálogo, é possível estabelecer aqui uma analogia com aquilo que é dito por Platão a propósito da imagem artística em geral. Segundo ele, no livro X de *A República*, sendo a arte, por natureza, a imitação de uma coisa já representada, ela assume, por assim dizer uma posição ainda mais distanciada daquilo que seria o protótipo de toda e qualquer realidade. Platão exemplifica isto nos dizendo dos três graus relativos ao produzir de uma cama: a *idéia* (objeto do pensamento) enquanto realidade em si mesma da cama, o *artífice* (o marceneiro) enquanto produtor da cama em particular e o *imitador* (o pintor) enquanto produtor da representação estética desta cama. Depois conclui Platão seu juízo um tanto depreciativo da arte: “Seja. Chamas portanto de imitador o autor de uma produção afastada de três graus da natureza” (2006. p. 377).

Assim sendo, encontramos-nos aqui em algum lugar, em meio a esta errância, entre os povoados do Pubo e do Sucruí como se estivéssemos diante de uma *aparência* de homem distando cerca de três graus abaixo de uma *realidade* de homem habitando o Brasil como nomeado por Zé Bebelo (p. 403). O homem deste mundo que é o sertão, com suas leis e seus jagunços, já se encontrando, ainda segundo o que se pode inferir da expressão de Zé Bebelo, dois graus abaixo deste mesmo Brasil. Vivendo assim neste mundo intermediário do ainda escuro do Sertão, Riobaldo também acusa a diferença: “Raça daqueles homens era diversiada distante, cujos modos e usos, mal ensinada” (p. 404).

Neste sentido, encontramos-nos também aqui diante de um conflito que se estabelece, poderíamos dizer, entre natureza e cultura e no qual estes “outros” homens, quase uns fantasmas, ocupariam um lugar e um contato, no campo dos costumes, ainda



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

bastante próximos dos animais. Num estado de “pobreza inteira e apartada” (p. 404), a natureza ainda falaria com muita força nestes homens vivendo longe de tudo, longe do progresso e que estariam, por isso mesmo, “menos arredados dos bichos do que de nós mesmos” (p. 404).

Há de se manter sua guarda, conforme fazendo parte de uma outra tradição de educação e de modos e usos, para com este aterrorizador parentesco: “Só o mau fato de se topar com eles, dava soluturno sombrio. Apunha algum quebranto” (p. 404). Quem sabe já não teriam, consequência da soberba e desobediência dos jagunços, “rogado uma praga” (p. 404).

Aqui parece ainda haver um certo desdobramento neste conflito. Estes “outros” homens não se faziam notar apenas como aparentados a animais. Este inquietante parentesco parecia lhes dar, animado pelo terror que proporcionavam e pela suscetibilidade de Riobaldo em relação a isto, também uma dimensão sobrenatural de poder. Assim, se faziam notar como mais habilitados para uma comunicação com tudo aquilo que poderia representar o propiciar de “as más sortes do demônio regedor” (p. 404), mesmo que ainda não tivessem a este respeito nada demonstrado e mesmo que naturalmente talvez nem malvados fossem. Quem sabe se para estes nem fosse possível desejar a realização de um pacto para se ter isto ou aquilo. No estado em que já se encontravam, o demo devia ser o possuidor de suas “pobres”, “estranhas” e “mal ensinadas” almas. Esta irreduzível distância assombra sobremaneira Riobaldo e quase se expressa, como já se deu a entender, com os tons de um sentimento produto do sublime provado em relação a esta natureza, poder-se-ia dizer, sobrenatural ou sobre-humana.

A educação, que aqueles quase-bichos parecem não ter, se sobressai em Riobaldo, constituída, principalmente, de um recorrente “aprendi dos antigos” (p. 404). E é exatamente esta força da “tradição” quem vai recomendar a Riobaldo manter a guarda. Por um lado, em relação aos possíveis malefícios que poderiam então advir desses “outros”, quase uns lobos ou cachorros do mato, que “eram orelhudos, que a regra da lua tomava conta deles, e dormiam farejando. E para obra e malefícios tinham muito governo” (p.404). Alguns destes malefícios que porventura poderiam atingir alguém de fora e desavisado são aqui listados:

Capatazia de soprar quente qualquer ódio nas folhas, e secar a árvore; ou de rosnar palavras em buraco pequeno que abriam no chão, tapando depois: para



o caminho esperar a passagem de alguém, e a ele fazer mal; ou guardavam um punhado de terra no fechado da mão, no prazo de três noites e três dias, sem abrir, sem largar: e quando jogavam fora aquela terra, em algum lugar, nele com data de três meses ficava sendo uma sepultura... (p. 404).

Por outro lado, Riobaldo atém-se ao necessário temor que se deve ter em relação a algo ou alguém tão insólito, tão outro, tão distante como se fosse ou representasse, para além da tradição, um incompreensível poder indeterminado: “O que mais digo: convém nunca a gente entrar no meio de pessoas muito diferente da gente. Mesmo que a maldade própria não tenham, eles estão com vida cerrada no costume de si” (p.404). Aqui fica mais clara a dimensão que teria o mal numa perspectiva da tradição e dos costumes.

Estes catrumanos parecem ainda não convertidos, não assimilados. Distantes ainda do lugar apropriado para o florescimento da moralidade dos costumes, da sociabilidade, enfim, da tradição. Esta última se encontraria então prejudicada ou até impedida em seu desenvolvimento pelo fato de uma exigência básica não se cumprir: “que alguém observasse preceitos sem pensar em si mesmo como indivíduo” (NIETZSCHE, 2004, p. 18). A “vida cerrada nos costumes de si” (p. 404) destes catrumanos “do fundo do sertão” (p. 406) recebe aqui toda a carga negativa contida nesta perspectiva do individual tal como expressa acima por Nietzsche.

Onde predomina uma tradição, não pode haver esta distância produzida por uma vida que se resume em um modo insólito e apartado de ser. Só pode ser no âmbito da moralidade dos costumes, isto é, da tradição, que se encontra a origem de alguma responsabilidade devendo esta ser entendida como um modo de impor práticas com o objetivo de determinar um grau de obediência desejado e de propiciar um necessário cerceamento dos afetos:

Em coisas nas quais nenhuma tradição manda não existe moralidade; e quanto menos a vida é determinada pela tradição, tanto menor é o círculo da moralidade. O homem livre é não-moral, porque em tudo quer depender de si, não de uma tradição: em todos os estados originais da humanidade, “mau” significa o mesmo que “individual”, “livre”, “arbitrário”, “inusitado”, “inaudito”, “imprevisível” (NIETZSCHE, 2004. p. 17).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Todos estes termos significando “mau” reverberam na digressão de Riobaldo e em sua referência ao aprendizado que se deve ter dos antigos. Estes são mencionados porque são detentores do conhecimento necessário para uma situação como esta que vivencia Riobaldo e porque já se apresentam com suas defesas bastante desenvolvidas no sentido de se prevenir de qualquer malefício que o contato com o diverso possa provocar. Temos então, através de Riobaldo, exposto um preceito ou regulamento básico desta sabedoria que também poderá servir de guia para a ação de seu interlocutor urbano como um estranho que é neste mundo do sertão: “O que assenta justo é cada um fugir do que bem não se pertence. Parar o bom longe do ruim, o são longe do doente, o vivo longe do morto, o frio longe do quente, o rico longe do pobre” (p. 404).

Neste momento a temperatura parece aumentar ainda mais no interior da digressão que assume também ares de um delírio por parte do Riobaldo. Assombrado e aterrorizado cada vez mais com este pensamento acerca dos inescrupulosos catrumanos, chega a se imaginar mesmo sozinho neste encontro e tira então as possíveis consequências que isto lhe traria em termo de maldades praticadas e consequentes sofrimentos:

[...] se eles tivessem me pegado sozinho, eu apeado e precisado, decerto me matavam, para roubar minhas armas, as coisas e minhas roupas. Amargo que acabavam comigo, sem escrúpulos, hom'essa, que nem tinham, porquanto eu era desconhecido e forasteiro. De doente, ou ferido perdendo meu sangue, que eu estivesse, alguns deles ia ser capaz de me ceder gole duma cuia d'água? (p. 405).

Riobaldo parece agora referir-se a si próprio em uma situação imaginada de absoluto abandono das redes de proteção da sua tradição, como uma espécie de “outro” do “outro” e como se acusasse sua impotência e até seu preconceito em relação a uma convivência em meio a tantos graus e tantas diferenças:

E por que era que há de haver no mundo tantas qualidades de pessoas – uns já finos de sentir e proceder, acomodados na vida, tão perto de outros, que nem sabem de seu querer, nem da razão bruta do que por necessidades fazem e desfazem. Por que? (p. 405).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Como se a impossibilidade de estabelecimento de um ideal de nivelamento entre todos fosse também a justificativa para o instituir-se de uma intransigente e intransponível distância e impedir qualquer exercício de aproximação; como se proximidade e distância não fizessem parte ou que não fossem mesmo aspectos formais para o estabelecimento de qualquer relação de sociabilidade que seja possível. A este respeito nos ensina Simmel:

Em um sentido imediato tanto quanto simbólico, e corporal tanto quanto espiritual somos a cada instante aqueles que separam o que se encontra unido ou que unem o que se encontra separado. Os homens que foram os primeiros a traçar um caminho entre dois lugares cumpriram neste ponto uma das maiores proezas humanas (1988. p. 160)².

Acomodado como dá a impressão de estar à sua tradição, Riobaldo parece não ver então com bons olhos a aterrorizante proximidade e até a convivência que se vê obrigado a manter com seres tão estranhos. Um pouco mais à frente na narrativa, no entanto, se verá até alguns destes catrumanos participarem do estranho exército do então chefe Riobaldo/Urutú Branco.

Por enquanto, é apenas a desconfiança e o horror que o ocupam diante da cena deste pensamento já bastante perturbado. E, se além de praguejadores e dispostos a todos os malefícios, estes fantasmas de homens fossem multidão e, assim, se oportunidade tivessem, fossem um exército de guerreiros bárbaros que mesmo com suas antigas e quase imprestáveis armas pudessem ainda invadir terras, dominar comunidades inteiras, roubar-lhes os víveres, matar os homens ou escravizá-los e, ainda por cima, ficarem com suas mulheres e com suas melhores coisas?

Riobaldo parece então imaginar como seria um mundo misturado em uma época na qual o campo invadiria a cidade, em que a tradição se veria ameaçada por aqueles que nada mais eram do que um bando de bestas feras e mal educados. Riobaldo então demonstra o temor de que um encontro como este se torne possível e em algum momento se torne até necessário. Neste sentido, seu pensamento não para e questiona:

² “Dans un sens immediate aussi bien que symbolique, et corporel aussi bien que spirituel, nous sommes à chaque instant ceux qui séparent le relié ou qui relie le separé. Les homes qui tracèrent les premiers un chemin entre deux endroits ont accompli là une des plus grandes performances humaines”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

“Como é que iam saber ter poder de serem bons, com regra e conformidade, mesmo que quisessem ser? Nem achavam capacidade disso” (p. 405). Ao revés, seria então a tradição quem estaria correndo grande perigo de decadência e isto não por uma incapacidade sua em assimilar ou impor regras, domesticar ou educar tal agrupamento de seres; no fim das contas será a estes imputada a responsabilidade por tal impossibilidade. Como se houvesse também uma inversão nos lugares até então ocupados: aqueles surgiram no momento do encontro com um ar de abandono e frágeis com suas desatualizadas armas diante do exército de jagunços armados até os dentes; agora ressurgem no interior do pensamento que delira possuindo uma força descomunal e deixando desamparado e fragilizado o lugar que deveria ser por hábito o da norma e da segurança:

Era preciso de mandar tocar depressa os sinos das igrejas, urgência implorando de Deus o socorro. E adiantava? Onde é que os moradores iam achar grotas e fundões para se esconderem – Deus me diga? Nem me diga o senhor que não – aí foi que eu pensei o inferno feio deste mundo: que nele não se pode ver a força carregando nas costas a justiça, e o alto poder existindo só para os braços da maior bondade (p. 406)

Riobaldo diz que o tempo de duração desta digressão “foi de quase uma hora” (p. 406), enquanto se passava por aqueles lugares da desobediência e também da errância dos jagunços e onde se encontrava “arranchada a horrorosa doença” (p. 406). E como que voltando a si, percebe a solidão de seus pensamentos e o quão distante havia estado, refletindo acerca daqueles “catrumanos do sertão” (p. 406), percebendo também que a nenhum de seus companheiros de travessia, Diadorim incluído, este seu devaneio chamava atenção, pois continuavam “cuidando de seu ramerrão comum” (p. 406).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLLE, Willi. *grandesertão.br*: o romance de formação do Brasil. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004. Coleção Espírito Crítico.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

COVIZZI, Lenira Marques. *O insólito em Guimarães Rosa e Borges*. São Paulo: Ática, 1978. Coleção Ensaio, 49.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PLATÃO. *A República*. Tradução e organização de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*. A obra de J. G. Rosa & Outros ensaios rosianos. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2006.

SIMMEL, Georg. *La tragédie de la culture*. Traduzido do alemão por Sabine Cornille e Philippe Ivernal. Paris: Editions Rivages, 1988.